



SEPEX – Seminário de ensino, pesquisa e extensão da Uneal
12 a 14 de agosto de 2025

**GÊNERO E A NOÇÃO DO “SER MULHER” NA SOCIEDADE: OS IMPACTOS
DO IDEAL DE FEMINILIDADE**

¹ALICE KAROLINE ALVES FEITOSA, ²GLENDY MONIQUE FERREIRA SOARES, ³ALINE DE OLIVEIRA SANTOS

¹Aluna do Curso de Direito, UNEAL, Campus I, Coordenadora do NEPEF,
 contato: alice.feitosa.2023@alunos.uneal.edu.br

²Aluna do Curso de Direito, UNEAL, Campus I, Coordenadora do NEPEF,
 Bolsista PIBIC/FAPEAL, contato: glenda.soares.2021@alunos.uneal.edu.br

³Aline de Oliveira Santos, advogada, Professora de Direito da Universidade
 Estadual de Alagoas (UNEAL), Mestra em Direito Regulatório e
 Responsabilidade Social pela Universidade Ibirapuera-SP, Doutoranda pelo
 Centro Universitário de Maceió, UNIMA, contato: advalineoliveira@hotmail.com

RESUMO: O estudo intitulado “Gênero e a noção do ‘ser mulher’ na sociedade: os impactos do ideal de feminilidade” tem como objetivo averiguar de que forma o ideal hegemônico estético e comportamental de feminilidade se tornou mais um instrumento de colonização e contribui para a marginalização e desumanização de corpos racializados, uma vez que, como dispõe Adichie (2015), a questão de gênero prescreve como os indivíduos, principalmente as mulheres, devem ser, condicionando-as ao exercício de determinados comportamentos, a sentir vergonha de questões ligadas ao próprio corpo, e submetidas à exclusão e silenciamento constantes. Visa-se, a partir de pesquisas bibliográficas, observações sistemáticas e análises documentais, discutir inicialmente a percepção de “gênero”, “feminilidade” e “masculinidade” enquanto construções socioculturais que servem de sustentáculo a estratégia de disciplinar e ampliar a experiência da inferiorização, o que inclui análises críticas sobre racismo e, também, sobre o patriarcado – um sistema de opressão que coloca o homem cis-hétero-normativo como ser universal e



SEPEX – Seminário de ensino, pesquisa e extensão da Uneal
12 a 14 de agosto de 2025

detentor do poder, livre para exercer o controle sobre a sexualidade e vida reprodutiva das mulheres, o que resulta na normalização de uma sociedade hierarquizada e dominada em vários níveis. Em seguida, após compreender termos basilares da presente pesquisa, é realizado o aprofundamento na discussão sobre o que é ser mulher e o lugar de mulheres racializadas na disputa de gênero, tendo em vista que, mesmo com a crescente adesão ao movimento feminista, com a pretensão de alcançar a equidade de gênero e o reconhecimento dos direitos das mulheres em todas as esferas, ainda existem grupos que são invisibilizados socioculturalmente dentro e fora desses movimentos progressistas, algo que ocorre, por exemplo, de forma explícita, mas também de forma velada com mulheres negras, o que limita a busca por uma sociedade mais justa e livre de opressões. Por fim, a interseccionalidade, conceito bem desenvolvido pela intelectual e feminista negra Lélia Gonzalez, é vista no presente estudo sob uma análise revolucionária e disruptiva, uma vez que explorar a interação entre raça, gênero e classe, questões historicamente tidas como inferiores; é “romper com a ilusão de universalidade que exclui” (Ribeiro, 2018). Logo, discutir sobre as especificidades que envolvem gênero, bem como classe e raça na presente pesquisa, levando-a para o interior do ambiente acadêmico, é eclodir a voz e luta de milhões de mulheres que, em decorrência das opressões descritas, não tiveram a mesma oportunidade, sobretudo no ensino superior.

Palavras-chave: Gênero. Mulher. Interseccionalidade. Opressão.